

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Relatório de estágio para a disciplina: EDF0298 – Práticas pedagógicas
e relações na escola

Aluno: Bruno Candido dos Santos

NºUSP: 7621430

Licenciatura em Geografia

Disciplina: EDF0298 – Práticas pedagógicas e relações na escola

Docente: Prof^ª. Dra. Silvia de Mattos Gasparian Colello

São Paulo

Maio/2015.

SUMÁRIO

1. Introdução	3
Aspectos gerais da escola	4
2. Metodologia	5
3. Objetivos do estágio	6
4. Reflexões	7
5. Considerações finais	15
5. Referências bibliográficas	16

1. Introdução

Este relatório apresentará algumas observações acerca do estágio realizado para a disciplina de Práticas. Em quinze horas de observações pudemos visualizar algumas dinâmicas relativas ao ambiente estudantil no que tange às aulas, ao cotidiano escolar, entre outras.

Este relatório buscou correlacionar três eixos centrais para a realização do estágio:

- Modelos de ensino
- Aprendizagem na escola
- Profissão docente

Para tanto, e em virtude das diversas disponibilidades temporais, realizamos algumas entrevistas com educadores da escola em que trabalhamos, após ter acompanhado algumas aulas destes.

Nossa atividade como educador desta escola fora de extrema valia para que pudéssemos compreender alguns aspectos e elementos acerca da atividade docente.

Aspectos gerais do estabelecimento escolar

O estágio fora realizado no cursinho popular Mafalda – unidade Leste SP, localizado na Rua José Fernandes Torres, nº 12, Tatuapé, São Paulo-SP. Fundado em 2011, a unidade Leste funciona hoje no campus da Universidade Cidade de São Paulo (Unicid).

O cursinho popular mafalda conta com três unidades localizadas na Região Metropolitana de São Paulo, sendo duas na capital paulista e uma em Ferraz de Vasconcelos.

A unidade principal (onde estagiamos) conta com quatro cursos: pré-universitário; ENEM 18+ (ou Educação de Jovens e Adultos - EJA); idiomas (Inglês, francês e espanhol); e um curso de português brasileiro para refugiados, iniciado em 2014.

São mais de 150 educadores distribuídos pelas três unidades, que ministram as aulas aos sábados. Cada educador tem uma carga horária média de três horas, a cada quinze dias. Todos são voluntários.

Os educadores entrevistados para nosso estágio ministram aulas no pré-universitário, que conta neste ano de 2015 com dez turmas e cerca de 450 alunos. Este número varia constantemente, pois quando há a recontagem de vagas ao longo do ano, novos processos seletivos são abertos, assim como novos períodos para inscrições.

2. Metodologia

Para a elaboração deste relatório utilizamos de um levantamento bibliográfico de artigos e livros que versam sobre a temática abordada. Realizamos dez entrevistas e coletamos relatos orais que subsidiarão nossas reflexões para este trabalho, além da coleta de dados sobre o estabelecimento em que estagiamos.

Acompanhamos os professores que entrevistamos em parte de nossa carga horária de estágio nas turmas do pré-universitário. Esta itinerância fora de extrema valia para que pudéssemos observar distintas facetas da atividade docente, e a forma como os educadores lidam com suas respectivas turmas, cada qual ministrando seus respectivos conteúdos.

Gostaríamos, de antemão, de aqui explicitar nossos sinceros e indubitáveis agradecimentos a todos os entrevistados. São amigos, colegas, que contribuíram de forma magistral para a elaboração deste trabalho. A experiência fora de extrema valia para que pudéssemos refletir acerca da educação nacional no contexto atual, considerando nossa escala de análise. Gostaríamos também de agradecer à coordenação do Cursinho Popular Mafalda, por possibilitar a realização de nosso estágio.

3. Objetivos do estágio

As entrevistas realizadas buscarão a compreensão dos seguintes eixos:

- Modelos de ensino;
- Aprendizagem na escola;
- Profissão docente;

Para tanto, elaboramos três perguntas, que buscam integrar os eixos elencados acima:

1. Como um modelo de ensino está relacionado à prática do docente e ao aprendizado das turmas?
2. Quais as perspectivas e possibilidades dos educadores para a aprendizagem dos alunos mediante a formação social de cada um destes?
3. Quais atributos da profissão docente estão relacionados à aprendizagem dos alunos?

Portanto, o estágio realizado buscará respostas para uma pergunta central, que buscará saber qual a missão do educador no atual contexto da educação nacional, considerando o público com o qual este educador tem trabalhado, que no nosso caso, é um público proveniente em grande parte de áreas periféricas da metrópole paulista.

4. Reflexões

Para efetuarmos nossas análises, partiremos das perguntas elaboradas para este trabalho e consideraremos alguns trechos das respostas dos educadores entrevistados em consonância com os debates realizados pelos textos lidos e devidamente citados nesta reflexão.

Entretanto, antes de partirmos para as perguntas feitas nas entrevistas, trazemos para este debate uma pergunta feita em entrevista com o pesquisador em Educação Bernard Charlot, francês que atualmente é professor na Universidade Federal de Sergipe (UFS):

"Você foi um dos primeiros autores no campo da educação a chamar a atenção para a relação que os sujeitos, em particular os estudantes mais pobres, estabelecem com o saber, com aquilo que é ensinado na escola. Você acha que esse tema ainda precisa ser mais bem compreendido? Quais novas perguntas essa temática enseja?"

Vou tentar responder da forma mais simples possível. Só aprende quem estuda, quem tem uma atividade intelectual. Mas só faço um esforço intelectual se a atividade tem sentido para mim e me traz uma forma de prazer. Portanto, a questão da atividade, do sentido e do prazer é central. Ir à escola, estudar (ou recusar-se a estudar), aprender e compreender, seja na escola seja em outros lugares: qual sentido isso tem para os jovens, em particular nos meios populares? Em outras palavras: qual a relação dos alunos com a escola e com o saber?

(...) Por isso, insisto muito sobre a heterogeneidade das formas de aprender. Há coisas que só se pode aprender na escola e, portanto, não se deve menosprezar esta instituição. Mas também se aprendem muitas coisas importantes fora da escola.

(...) Na pesquisa em educação, devemos considerar o aluno como ser humano indissociavelmente social e singular – e talvez essa seja a especificidade da disciplina Educação." (REGO, 2010, pp. 151-152)

Charlot atenta para os educandos de áreas mais carentes, que de certo modo alude a boa parte do público com o qual lidamos no cursinho em que estagiamos. São alunos majoritariamente de escolas públicas, especialmente das ETECs (Escolas Técnicas Estaduais), que são “dotadas” de um imaginário que propagou a ideia de que são “de melhor qualidade no ensino e maior exigência”.

Os alunos são provenientes de áreas periféricas da Região Metropolitana de São Paulo, e, considerando a unidade que analisamos, são oriundos de bairros paulistanos periféricos como Itaquera, Guaianazes, São Mateus, Cidade Tiradentes, Itaim Paulista, entre outros.

Em um excerto preciso, GUSDORF atenta para o estágio em que os adolescentes se encontram, e a relação de seus anseios e virtudes com o ambiente escolar:

“Pouco a pouco, o espírito crítico se insinua e o adolescente ganha uma certa distância. Exerce a autonomia de seu julgamento.

Daí para frente, essa personalidade em formação compara-se com a personalidade do professor. No ensino secundário dá-se a primeira tomada de consciência da cultura. O aluno não se detém mais apenas nos automatismos da atenção e da memória. Esforça-se para despertar a inteligência e apurar a sensibilidade. O que agora está em questão não é somente a matéria dos programas. O interesse leva-o mais adiante, pois já se esboça a curiosidade, a busca inquieta de si mesmo e da humanidade. O professor, por poucos sinais de vida que dê diante da classe, é testemunha desse processo, participa nesse debate. Muito lhe é pedido e, sem dúvida, mais do que pode dar, mas ele não pode recusar a cumplicidade de um diálogo particular, com insinuações, com palavras encobertas com esse ou aquele aluno. Não pode, se for consciente de sua responsabilidade, se furtar a certas interrogações ou provocações que são, ao mesmo tempo, pedidos de ajuda. Um ensino universal, transmitido com imparcialidade, não é mais suficiente. Guardando suas distâncias, o professor deve estar atento, pois sua tarefa será, freqüentemente, frente a inquietações e tormentos que muitas vezes pode ter suscitado sem o saber, a de justificar a existência humana.” (GUSDORF, 1987, p. 36. Grifos nossos.)

Lidamos com esta faixa etária no pré-universitário. São jovens na faixa etária de 17 a 19 anos, em média, que se deparam neste momento de suas vidas com dilemas como carreira, profissão, formação universitária, e lidam com debates que os vestibulares de forma geral exigem, como temas atinentes à política nacional e internacional, sociedade, cultura, entre outros.

As demandas por parte deles são diversas e notamos que eles estão na busca incessante pela compreensão de si mesmos em relação com o local em que vivem. Possuem anseios, vontades, sonhos, virtudes, se deparam com dificuldades, não hesitam em nos relatá-las, ainda que tenham, em diversos casos, como pudemos verificar em aulas que acompanhamos e ministramos desde 2013, certo receio em suscitar questionamentos e tirar dúvidas a respeito dos conteúdos transmitidos.

E em algumas situações os alunos demonstram certo “estranhamento” quando são chamados a interagir durante as aulas. Devemos destacar, entretanto, que quando participam, demonstram interesse por um certo conjunto de ideias e reflexões, e protagonizam o processo de aprendizagem de forma construtiva.

Como um modelo de ensino está relacionado à prática do docente e ao aprendizado das turmas?

“(…) não só a maneira como os estudantes aprenderão será influenciada pelos modelos de ensino como também (e fundamentalmente) conhecimentos e habilidades específicos que serão desenvolvidos pelos mesmos.” (Educador P., Geografia)

O cursinho pré-vestibular, por excelência, faz uma revisão de todos os conteúdos ministrados durante o ensino médio. Os alunos assistem as nossas aulas no cursinho com foco e disciplina notáveis. Há uma meta: a aprovação. E o conteudismo fica latente: alunos em genuínas situações dramáticas com relação à apreensão dos conteúdos. “Será que daremos conta?”; “É muita coisa, professor!”. “O modelo tradicional da educação trata o conhecimento como um conteúdo, como informações, coisas e fatos a serem transmitidos ao aluno.” (CARRAHER, 1986, p. 12).

Diante do modelo tradicional, os educadores do cursinho em que estagiamos buscamos alternativas para tornarmos as aulas menos massantes e repetitivas. Os alunos se deparam com aulas em certa medida diferentes, que privilegiam a reflexão e o debate de ideias. É o que afirma a educadora T., de Biologia, sobre o nosso local de estágio:

“No caso do cursinho é complicado falar em modelo de ensino, pois os educadores seguem um modelo “quase” tradicional, de cursinhos tradicionais, tentando “minimizar” esse modelo com algumas aulas diferenciadas, no modo como lidam com os alunos, criando relações mais próximas, tentando fazer com que participem mais das aulas, uma vez que o cursinho é pré-universitário (e não pré-vestibular) e tem uma visão “para além do vestibular”, objetivando estimular a crítica social.” (Educadora T., Biologia)

A educadora segue seu depoimento enfatizando que em variados casos os alunos do cursinho popular em questão constroem uma perspectiva acerca da sociedade em que vivem, e em algumas situações retornam ao cursinho para exercer atividades voluntárias:

“(…) é possível observar que o aprendizado se dá de uma maneira diferenciada dos demais cursinhos tradicionais. Pode perceber devido à proximidade com alguns alunos que eles constroem uma visão de sociedade diferente ao término do cursinho, a relação com algumas disciplinas (geralmente as que eles têm mais afinidade) muda também.” (Educadora T., Biologia)

PENIN, ao debater o compromisso que o ensino deve ter com o social e a contemporaneidade, atenta para a autonomia que alguns educadores almejam desenvolver em seus educandos:

“Autonomia é uma disposição que os agentes escolares geralmente querem desenvolver nos seus educandos; assim, devem também procurar praticá-la. Tal como os educandos, os profissionais vivem as contradições do mundo moderno e a experiência da incerteza. Uma forma produtiva de procurar compreender o complexo mundo no qual vivemos é buscar referências

consistentes e saberes fundamentais, encontrados mais na partilha, no debate e no embate com os outros presentes ou ausentes.

Na base da autonomia está a partilha. Aprendemos com Vygotsky que a criança primeiro faz com o outro (professor ou colega mais habilidoso, algo que, depois, fará sozinha; também o professor, antes de se tornar autônomo, precisa partilhar essa autonomia. Crenças, princípios e valores compartilhados preparam a base para a consistência de pensamento e posições e, assim, o alcance da autonomia. Ou seja, junto com o conhecimento adquirido, fortalece-se a moral.” (PENIN, 2014, p. 40. Grifo nosso)

Entendemos que, mesmo diante de um modelo tradicional de ensino, predominante de forma geral na educação brasileira, os educadores buscam alternativas dentro de suas possibilidades individuais e coletivas. Nas palavras da educadora G., de Geografia:

“(...) Cabe ao professor buscar conhecer as características e dinâmicas da turma em questão e adaptar as suas aulas; ou ir apresentando aos alunos diferentes formas de ensino dos conteúdos e, ir observando e conversando com os mesmos sobre a eficiência de cada modelo no aprendizado.” (Educadora G., Geografia)

A educadora reforça a ideia de autonomia, e enfatiza a possibilidade de o educador compreender como o educando estuda e assimila as ideias dos conteúdos escolares. “Uma estratégia que pode ser eficiente é identificar como os alunos estudam sozinhos e tentar trazer esse método para a aula.” (Educadora G., Geografia).

Já a educadora T., de Química, atenta para a questão do modelo de ensino e o uso que é feito deste por parte dos educadores:

“(...) Não tem como um estudante ou um educador não serem atingidos pela imposição de um modelo de ensino. Eles fazem parte do processo independente da vontade deles. Enfim, o aprendizado (ou a ausência dele) será consequência de um modelo de ensino. Pois o modelo de ensino é a via que o educador usará para (tentar) desenvolver as habilidades e competências do estudante. (...)” (Educadora T., Química)

Ainda que os estudantes sejam atingidos por um modelo de ensino, frisamos que há as possibilidades de fuga ou subversão destes modelos, e esta iniciativa parte, em grande medida, de educadores, conforme relata GUSDORF (1987, p. 38) no trecho que segue:

“(...) Cabe a ele atestar, por sua atitude global, que não é uma vítima passiva do sistema de que é prisioneiro. Evidentemente, é preciso cumprir programas, fazer argüições e exames, mas deve saber indicar, ao mesmo

tempo, que o essencial está mais além. (...) Nas entrelinhas e entre as lições, uma outra partida, verdadeiramente decisiva, se trava, pois é ela que decide o destino dos homens. A pedagogia real situa-se para além dos limites e das intenções de qualquer disciplina. Ela é escatológica.” (Grifo nosso.)

Quais as perspectivas e possibilidades dos educadores para a aprendizagem dos alunos mediante a formação social de cada um destes?

“Costumo pensar que quando um educador ensina, ele aprende a ensinar, ou ainda, os alunos ensinam o professor a dar suas aulas a partir da reação que eles têm à exposição do conteúdo. As trocas já ocorrem, mas muitas vezes não são percebidas ou são desprezadas pelos educadores, já que muitos deles ainda possuem a visão de que o professor é o detentor máximo do conhecimento e que todos devem se reportar bem a ele. Em outras palavras, muitos se isentam de responsabilidade.” (Educador A., Matemática)

No trecho acima o educador A. alerta para o desprezo por parte de professores que se julgam ser os detentores de todo o conhecimento, desconsiderando as possibilidades que os alunos oferecem ao refletir e debater sobre os temas abordados. É a crítica que GUSDORF faz às chamadas “aulas expositivas”, em que o professor desconsidera o público com o qual está lidando, ou seja, os seus próprios alunos:

“Importa, pois, principiar pelo princípio, e o princípio, aqui, é o diálogo. Essa constatação, apesar de ser bom senso, tem sido ignorada pela maior parte dos teóricos da pedagogia. Para eles, o ensino reduz-se a um monólogo que, na prática, se desdobra - o monólogo do professor tem seu eco no monólogo do aluno que recita sua lição. (...)” (GUSDORF, 1987, p. 27)

Notamos, portanto, que a aula meramente expositiva, em que os alunos são tratados como simples ouvintes, sem vez e sem voz, é pouco produtiva ou improdutiva. É uma realidade advinda de milênios passados, que pouco mudou em um contexto mundial. GUSDORF (1987, p. 27) enfatiza o fato de que é possível substituir um professor por uma gravação de voz.

A educadora J., de Literatura, afirma que “o educador/professor tem um papel crucial: ele deve abrir os horizontes dos alunos, para que eles saiam da sua zona de conforto e tenham ao menos um aperitivo de perspectivas que desconhecem. (...)”. Ou seja, a educadora reforça a ideia de que o educador pode exercer um papel central no contexto e nas dinâmicas do ensinar, sem que seja necessariamente um expositor, e sim um ser humano capaz de instigar o pensamento por parte dos educandos.

A educadora I., de Química, atenta para a necessidade de contextualizar as aulas relacionando os conteúdos escolares com o cotidiano dos alunos:

“(...) cabe ao educador contextualizar ao máximo suas aulas, relacionando aos conteúdos específicos fatos sociais, políticos e éticos, induzindo não só a reflexão do aluno, mas também aproximando os conteúdos a coisas palpáveis e reais, permitindo assim a assimilação de maneira mais efetiva.”
(Educadora I., Química)

Refletimos, aqui, sobre o papel da escola no contexto da sociedade em que esta se encontra inserida. A escola não pode estar em uma redoma que a isole do restante do mundo, pois, retomando o que já dissemos neste trabalho, o ambiente escolar pode auxiliar na formação da cidadania do aluno, indo para além da transmissão expressa do conteúdo escolar. É o que PENIN (2014, p. 41) coloca da seguinte forma:

“Na busca de uma sociedade mais solidária, a escola tem um importante papel cultural a cumprir, tanto no espaço local, sanando ou evitando problemas pontuais, quanto no sentido educativo, de formação dos alunos, proporcionando vivências desejáveis de serem desenvolvidas na vida urbana.”

“Além do professor, a instituição deve, também, ter uma relação próxima ao aluno e ao local onde ele vive, pois é na escola que o jovem passa boa parte do seu tempo.”, comenta o educador V., de Gramática e Redação. Entendemos que a escola deva ser, na medida do possível, um espaço de reflexão e de construção de ideias e perspectivas, de modo que alunos, professores, familiares, entre outros, possam participar ativamente deste processo, que está em constante transformação.

Quais atributos da profissão docente estão relacionados à aprendizagem dos alunos?

Em entrevista concedida à revista Nova Escola, o pesquisador em Educação Bernard Charlot versa sobre o prazer do saber, e afirma que “o conflito nasce quando o professor não ensina”, ou seja, os alunos perdem o interesse em aprender a partir do momento em que não consegue ser estabelecido um diálogo entre estes e educadores:

“Por que a relação entre alunos e professores é tão difícil?”

BERNARD CHARLOT Para os alunos, há uma lógica no ato de estudar e, para os professores, há outra. Ouço muito das crianças: “Fui a todas as aulas, estudei em casa e não concordo com as notas que recebi”. O professor retruca, afirmando que o estudante é preguiçoso e não entendeu a matéria. Esse descompasso revela o grande abismo que existe entre as pessoas e interfere no processo de aprendizagem.” (Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/formacao-continuada/bernard-charlot-conflito-nasce-quando-professor-nao-ensina-609987.shtml>>. Acesso em: 26/05/2015.

O autor atenta para esse descompasso entre educador x aluno, que em grande medida prejudica o ensino na escola. Esse diálogo falho ou inexistente é central no processo de aprendizagem e, quando não é estabelecido, a aprendizagem é praticamente inexpressiva. GUSDORF (1987, p. 40) relata que “(...) o ensino é, antes de tudo, uma relação humana (...)”, portanto, esta relação depende de um diálogo construído entre todos.

O educador V., de Gramática e Redação, comenta que a “(...) paixão pela profissão e pelas pessoas, sensibilidade para entender o aluno e perceber aquilo que pode ser modificado em aula (...)” são elementos essenciais para que o educador consiga minimamente estabelecer uma relação humana cordial com seus educandos. O educador V., de Matemática, reforça este ponto de vista:

“[...] O trato respeitoso com os estudantes, por parte do educador, (e sem dúvidas, vice e versa), parte destas competências pessoais, pode ser fator facilmente perceptível para os estudantes de que a educação é possível com este educador, portanto é competência obrigatória e cotidiana que se relaciona com a abertura dos atores educadores e estudantes ao processo de educação.”

Além destes aspectos essenciais para quaisquer relações humanas, o educador L., de Literatura, ilustra um ponto de vista a respeito da prática docente e do que o educador pode apresentar em suas atividades escolares. “Creio que a paciência, o bom ouvir, um pouco de dramaticidade (o professor como um “ator” em sala de aula), a organização, a didática, a boa vontade e a presteza são atributos relacionados ao processo de aprendizagem.”

Ariano Suassuna (16/06/1927 - 23/07/2014) professor, escritor, poeta e dramaturgo, atenta para o que o educador L. relatou conforme escrito anteriormente:

“A popularização de sua obra literária se deve muito à TV. Como ela pode se tornar um aliado do professor no fomento à paixão pela leitura?”

Suassuna: A TV é um meio de comunicação no qual a oralidade predomina. Se o professor escolher boas adaptações, como a que Guel Arraes fez de O Coronel e o Lobisomem, do meu amigo José Cândido de Carvalho, exibir

para os alunos e depois facilitar o acesso ao livro, eu duvido que eles não se interessem. Mas é preciso lembrar de fazer o aluno participar da aula, como se fosse um ator!

(...) Essa era sua estratégia em sala de aula quando lecionava?

Suassuna: Eu sou professor desde os 17 anos. Sempre fui criativo. Uma das coisas de que fazia muita questão é que meus alunos não se entediassem. Acho que todo professor tem de ter alguma coisa de ator, senão ele não terá sucesso. Sendo somente um expositor de idéias, dificilmente ele chamará a atenção dos estudantes.” (Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/pratica-pedagogica/ariano-suassuna-todo-professor-dever-pouco-ator-610096.shtml>>. Acesso em: 26/05/2015.

Ator, educador, ser humano, colega, amigo: são essas as “atribuições” que podem humanizar um professor. É o que poderá motivar os alunos para refletirem além dos conteúdos e para buscarem as respostas que tanto anseiam, que, no caso de nosso estágio, se encontram diante de decisões em momentos cruciais para a formação social de si próprios. Nas palavras de COLELLO (2010, p. 246):

“(…) urge considerar a tarefa docente não como uma ocupação (atividade remunerada que garante a sobrevivência) nem como um ofício (função para a qual as pessoas se preparam tecnicamente), mas como o exercício profissional de quem supera a tarefa do bem ensinar. À competência e à especialidade do professor, agregam-se a formação humanista calcada em um amplo espectro cultural e o compromisso ético e político que lhe permitem tomar decisões e enfrentar os desafios do nosso mundo. É neste sentido que se pode, efetivamente, compreender o papel do professor e valorizar a profissão docente.” (Grifo nosso)

Em suma, na nossa perspectiva, essa é a missão do educador: contribuir com a formação social dos alunos, auxiliando-os a construir seus conhecimentos e sua própria cidadania.

5. Para concluir?

Norteadoras do nosso processo de reflexão a respeito do estágio realizado, as três perguntas elaboradas foram de suma importância para a compreensão do nosso objeto de análise. Buscamos compreender como os educadores do cursinho pré-universitário Mafalda (Unidade SP Leste) pensam suas práticas pedagógicas.

As perguntas abertas foram de certo modo instigantes e propiciaram respostas riquíssimas a respeito da experiência pessoal de cada um dos entrevistados, que não hesitaram em momento algum em responder as três questões que fizemos.

Chegamos a algumas conclusões, que estão sujeitas, sem dúvida alguma, a alterações, já que a Educação de maneira geral é um conjunto complexo e intrigante que se encontra em constante transformação. As respostas de cada entrevistado citadas em forma de trechos ilustram como as temáticas abordadas não se esgotam.

As questões se ampliam, se diversificam, se propagam e nos conferem diversas possibilidades para exercitar e refletir sobre o movimento de transformação ininterrupto da Educação em todo o planeta Terra. A nossa escala de análise é motivadora e desafiadora, mesmo que tenhamos consciência de todos os prováveis obstáculos que pudéssemos encontrar em nossas análises.

Ainda nos perguntamos quais as múltiplas possibilidades de diálogo entre educadores e educandos, quais as perspectivas que alunos vislumbram construir, pensar, elaborar ideias diante dos modelos tradicionais de ensino, além, invariavelmente, da construção do cidadão, que, especificamente em nossas análises, está diante de desafios que contém em certa medida datas, provas, conteúdos em demasia e, sobretudo, escolas. Educar é se comunicar, ser solícito e ouvir.

6. Referências bibliográficas

CARRAHER, D. W. **Educação tradicional e educação moderna.** In: CARRAHER, T. N. *Aprender pensando*. Petrópolis: Vozes, 1986, pp. 12-30.

COLELLO, S. de M. G. **Para onde vai a profissão docente?** In: *Revista Iberoamericana de Educação*. Madri: Cacau/OEI, janeiro-abril, 2010, n. 52, pp. 241-246.

GUSDORF, G. **A função docente.** In: *Professor para quê? Uma pedagogia da pedagogia*. São Paulo: Martins Fontes, 1987, pp. 27-57.

NOVA ESCOLA. **Entrevista com Ariano Suassuna.** Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/pratica-pedagogica/ariano-suassuna-todo-professor-deve-ter-pouco-ator-610096.shtml>>. Acesso em: 26/05/2015.

_____. **Entrevista com Bernard Charlot.** Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/formacao-continuada/bernard-charlot-conflito-nasce-quando-professor-nao-ensina-609987.shtml>>. Acesso em: 26/05/2015.

PENIN, S. T. de S. **Didática e cultura: o ensino comprometido com o social e a contemporaneidade.** In: *Ensinar a ensinar: didática para a escola fundamental e média*. Amelia Domingues de Castro e Anna Maria Pessoa de Carvalho (orgs.). São Paulo: Cengage Learning, 2014, p. 33 – 51.

REGO, T. C. **Desafios da educação na contemporaneidade: reflexões de um pesquisador - Entrevista com Bernard Charlot.** Entrevista concedida a Teresa Cristina Rego e Lucia Emilia Nuevo Barreto Bruno. In: *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 36, n. especial, p. 147-161, 2010.